

# *Perplexidade e fascínio na manipulação do corpo pela ciência*

Fernanda Pizzi\*

*“Há pouco, cientistas americanos anunciaram o rascunho do genoma – receita para fabricar um ser humano –, o que, de imediato, se transformou em um dos grandes marcos da história da ciência. O homem acaba de decifrar 97% das informações para criar a si mesmo, dando corpo a um dos mais antigos sonhos inscritos na ciência. Além do formidável avanço da medicina, estas e outras criações trazem em si problemas na ordem do pensamento, da ética, da política e de fenômenos culturais jamais pensados”*  
(NOVAES, 2003, p.7).

É com esse trecho que Adauto Novaes introduz a discussão suscitada pela crescente intervenção humana nos segredos da vida. *A ciência no corpo* é o texto de apresentação do livro *O homem-máquina – a ciência manipula o corpo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 370 páginas), que discute a relação entre o humano e a tecnologia, seus impactos, interferências e influências. Resultado de um ciclo de conferências de mesmo nome que aconteceu em 2001 e reuniu estudiosos das mais diversas áreas, *O homem-máquina* abre o leque para ensaios que investigam desde a emergência de novos modelos nas ciências contemporâneas até o significado do corpo nas artes e na história e confirma a premência do debate

engendrado pelos avanços das biociências e da biotecnologia nas últimas décadas.

O caráter transdisciplinar das discussões é claramente contemplado nos textos, o que, desde já, marca a impossibilidade de se separar saber filosófico e saber científico. A perspectiva que orienta a investigação proposta pelos autores encontra ressonância nos estudos contemporâneos que problematizam as transformações que as tecnologias vêm promovendo nos diversos domínios da atividade e da experiência humana, da sociedade e da cultura. Seguindo esta orientação, as análises procuram lidar com a tecnologia como uma forma de repensar o que pode ser o homem, o pensamento e o que significa ter um corpo a partir dessas mudanças. A leitura dos ensaios coloca em evidência a necessidade mesma de se repensar o próprio estatuto da tecnologia. Sabe-se que o corpo percorre a história da ciência e da filosofia. Considerando o problema da tecnologia como o cerne da cultura contemporânea, pode-se formular a seguinte questão: que transformações essas tecnologias promovem na representação, na experiência do corpo e na concepção do humano, da sociedade e da vida?

Ciente dos infinitos mistérios do homem e do mundo e diante de uma ciência que, a um só tempo, desencanta e realiza milagres, assusta pelos perigos e anima pelas esperanças, Adauto Novaes encaminha as duas grandes questões que norteiam as discussões e instigam o diálogo entre os textos: “de que maneira a filosofia e as artes viram o corpo em vários momentos da história e quais as principais intervenções da ciência sobre o corpo?” (Op.cit.,p.14).

O filósofo Renato Janine Ribeiro discute as *Novas fronteiras entre natureza e cultura*. “O surgimento das ciências humanas não pode ser entendido como o nascimento de apenas uma, ou umas, a mais entre as ciências. (...) As ciências humanas partem do escândalo que é o ser humano conhecer a si próprio, misturando as posições de sujeito e objeto. Isso formula sérios problemas, tornando quase impossível a objetividade, que é o critério básico das ciências desde o século XVII” (Op.cit., p.17). Encaminha, assim, uma questão que está no centro da tensão entre as ciências: o que define o limite entre as biológicas e “exatas”, de um lado, e as humanas, de outro?

Com o instigante *Biontes, bióides e borgues*, o físico Luiz Alberto Oliveira ilumina o debate ao tratar da Revolução Científica do século XX e destrinchar a substituição da imagem maquinica da natureza pela imagem da complexidade. Graças ao desenvolvimento de “próteses de sensibilidade” – estes “sofisticados aparatos de medida e detecção que suplementam o limitado alcance de nossas vistas” (Op. cit., p.142) –, o autor sugere que a natureza deixa de ser “monótona”. De uniforme a tríplice, “três naturezas diferenciadas conforme o foco do olhar que se está lançando” (Id.,p.143). E assim os paradigmas da complexidade vão se instalando sobre os escombros dos fundamentos do paradigma clássico.

Em *O homem-máquina hoje*, o cientista político Sérgio Paulo Rouanet apresenta a origem da expressão “homem-máquina”. Embora pareça cunhada para denominar esta atualidade, tal combinação foi utilizada pela primeira vez em 1748 pelo médico Julien Offray de La Mettrie, autor do polêmico *O homem-máquina*,

em que defende a idéia de que os seres humanos eram como máquinas, porque, assim como Descartes dizia dos animais, também não tinham alma. La Mettrie sustentava que, só concebido como “um relógio que não precisa de um relojoeiro que lhe dê corda”, o homem poderia ser livre, independente de Deus ou de alma espiritual. Assim, o valor do humano estaria “no que ele faz de si mesmo, e não na posse de uma grandeza inata” (Op.cit., p.53).

De forma similar, o que pauta a investigação de Renaud Barbaras (*A alma e o cérebro*) é a filosofia que considera a experiência da irredutibilidade da alma uma ilusão. Barbaras procede então uma interrogação da assertiva: “não há na alma nada além do que há no cérebro” (Op.cit, p.67).

As relações entre corpo e sociedade merecem destaque nos textos de Antônio Cavalcanti Maia e Maria Rita Kehl. O primeiro, filósofo, segue o enfoque iniciado por Michel Foucault para tratar da atuação do poder sobre os corpos. O ensaio *Biopoder, biopolítica e o tempo presente* busca salientar “o impacto no campo político dos avanços tecnológicos e o modo como se relacionam vida, corpos, estratégias de poder e desenvolvimento do capitalismo” (Op.cit., p.79). Já o corpo como sujeito é o tema da psicanalista Maria Rita Kehl. *As máquinas falantes* estuda o corpo no circuito da linguagem, das práticas culturais, da organização do tempo, das interdições e das demandas, reforçando a relação entre o corpo, a linguagem e o outro. “Cada cultura produz o corpo que lhe convém, assim como produz os sintomas que tentam dar conta do resto pulsional impossível de satisfazer” (Op.cit., p.249). Excluído da comunidade, o

corpo não produz sentido nem valor.

Uma abordagem histórica do corpo como imagem é oferecida por Lorenzo Mammí. Em *O espírito na carne: o cristianismo e o corpo*, o professor de história da música da USP discute o imaginário desenvolvido sobre o corpo ao longo da história. Para os povos da Antigüidade, o corpo é defeituoso e a alma, parte do espírito absoluto. Essa dicotomia se agrava no período cristão: o corpo ganha novo valor a partir da ressurreição de Cristo.

O “corpo ferido” é o tema de Evgen Bavcar. Em *O corpo, espelho partido da história*, o fotógrafo, filósofo e cineasta esloveno escreve sobre a busca de um “espelho” para os deficientes na história. Entre críticas ao sistema excludente, Bavcar, cego desde os 11 anos, elogia os esforços de portadores de deficiência em cenários em que a assistência social se apresenta em sua ausência: “ao buscarem trabalho e se esforçarem para exercer com competência suas atividades profissionais, os deficientes conseguem exprimir com o corpo a utopia do homem” (Op.cit.).

Em contraste com as abordagens históricas, o antropólogo David Le Breton dá *Adens ao corpo*. “O corpo não é mais uma fronteira identitária, mas vestígio deixado no espaço” (Op.cit., p.123). Ao pensar o corpo físico como uma prisão, uma necessidade antropológica dispensável, Le Breton põe em xeque a antropologia ocidental e todo o humanismo que ela sustenta.

As questões que dizem respeito às conseqüências éticas, políticas, sociais e filosóficas advindas do controle crescente do ser humano sobre a vida figuram entre as mais recorrentes da coletânea. Giovanni Berlinguer, membro do Comitê Internacional de Bioética da

Unesco, adverte, em *A ciência e a ética da responsabilidade*, que a possibilidade criada pela ciência de usar partes do corpo para salvar ou reproduzir vidas acabou transformando órgãos em objetos de mercado. Volnei Garrafa, coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da UnB, explora a tensão entre a responsabilidade e a liberdade da ciência e da política, apontando a “prudência” como virtude e a “ética da responsabilidade” como vetor decisivo para a demarcação dos limites do controle do ser humano sobre a vida. Em seu *Bioética e manipulação da vida*, Garrafa sugere: “avançar, mas com controle...” (Op.cit., p.220).

Quanto à possibilidade da clonagem humana e da pesquisa com embriões, Axel Kahn desafia: seria a *Morte do Sexo*? O que o geneticista e membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética francês pergunta é o quanto a possibilidade de clonagem humana para reprodução pode terminar por abolir a relação sexual como forma de procriação da espécie.

A expressão do corpo através de sua presença nas artes é encontrada nos textos do filósofo Luiz Fernando Franklin de Matos (*O corpo enclausurado – sobre A religiosa, de Diderot*), do crítico João Luiz Vieira (*Anatomias do visível: cinema, corpo e a máquina da ficção científica*) e do historiador da arte Carlos Antônio Leite Brandão (*O corpo do Renascimento*). A crítica de arte Helena Katz (*A dança, pensamento do corpo*) parte da dança para definir o corpo como a mídia básica, exemplar dos processos de comunicação da natureza. Ainda nessa temática, Jorge Coli (*O sonho de Frankenstein*), professor de história da arte da Unicamp, lembra que a arte do século XIX foi marcada pela exposição de

um corpo fragmentado, haja vista o sujeito sem cabeça de *O homem que anda*, de Auguste Rodin, e poemas como *A carniça*, de Baudelaire, em que vermes devoram ossos humanos.

À luz dos dezoito ensaios que compõem *O homem-máquina*, ingressamos em um campo aberto – a tecnologia – que multiplica as indagações acerca da relação entre natureza e cultura, tornando-as reflexão obrigatória tanto no domínio da filosofia e das ciências humanas e sociais, como nas discussões do mundo técnico e científico. Quando a nova condição do corpo pertence ao domínio da liberdade, esse lugar passível de ser transformado de acordo com nossas vontades e ações, são os deslocamentos operados pela técnica que precipitam um novo modo de questionamento do ser do homem. Trata-se de pensar o homem segundo e a partir da própria transformação que a tecnologia engendra, e não o contrário.

Atestar que “a ciência manipula o corpo” é considerá-la como agente que transforma e complexifica tanto o mundo quanto a relação que os indivíduos podem ter com ele. A sensação de indeterminação que é cara a essa complexificação responde ao fato de que os próprios parâmetros da ética vêm sendo (re)constituídos. Eis que sobrevém o encanto ou o espanto de que “vivemos tempos interessantes”.

**Fernanda Pizzi** é mestranda em Comunicação Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.